

PROCESSOS E PROCEDIMENTOS NA REALIZAÇÃO DA OBRA AUDIOVISUAL: O FIM É O COMEÇO DE TUDO

Prof. Me. Marcio A. Rinaldi

“Não se pode ser o pólo e o equador ao mesmo tempo.”

Vincent Van Gogh

RESUMO

O objetivo deste artigo é discutir os processos e procedimentos para a realização da obra audiovisual e sua convivência nos meios artísticos e de comunicação. Existem características próprias na obra audiovisual para diferentes meios? Quais suas especificidades? Para responder questões como essas, definiu-se conceitos básicos de Comunicação e Artes para identificar suas convergências e estabelecer o caminho que percorre o processo criativo de produção da obra audiovisual.

Palavras-chave: Artes. Audiovisual. Comunicação. Convergência

ABSTRACT

The aim of this article is to discuss processes and procedures for the audiovisual work and its relations with the artistic and communications means. Are there any specific features for audio-visual pieces in different media? What are those specificities? In order to answer these questions, there were defined some basic concepts to identify their convergence and also establish the path through out the creative process of the audio-visual production.

Keywords: Arts. Audio-visual. Communications. Convergence.

Este artigo é um produto da pesquisa de mestrado apresentada em 2007, no Instituto de Artes da Unesp, intitulada “Ipsis vídeo litteris: processos e procedimentos artísticos da escrita na televisão – Videografia”, que trata do uso da linguagem videográfica em obras audiovisuais, um dos temas do curso de “Cinema, Vídeo e TV: estética da imagem em movimento” do programa de Pós-Graduação do Centro Universitário Belas Artes de São Paulo.

O objetivo é discutir quais os caminhos percorridos no processo criativo na realização de uma obra audiovisual, a partir da definição de alguns conceitos básicos, estabelecendo um diálogo entre Comunicação e Artes, inserindo a linguagem Audiovisual neste universo dos sentidos e percepções, além de reforçar não só a importância da obra audiovisual, mas também a responsabilidade de quem realiza esse produto de comunicação, que deixa de ser um trabalho autoral para ser compartilhado pela audiência de um Meio de Comunicação.

Por meio da leitura visual de um esquema de Vilém Flusser, inserimos a obra audiovisual como linguagem no universo da Comunicação, e estabelecemos alguns critérios de como e quando essa obra se aproxima de um objeto de Arte. Esse será o caminho a ser percorrido ao longo deste artigo a fim de esclarecer a importância pedagógica e a responsabilidade educativa que uma obra audiovisual adquire desde o momento em que é produzida e veiculada num meio de comunicação de qualquer origem, digital ou convencional.

1. COMUNICAR = TORNAR COMUM

O ato de comunicar é um elemento social e está diretamente ligado, ao mesmo tempo, com os termos ‘multiplicação’ e ‘divisão’, ou seja, ao se **dividir** determinado conhecimento, partilhando-o com a comunidade, **multiplica-se** o número de pessoas detentores daquele conhecimento. Está também relacionado a dois objetivos básicos: perpetuar (a) e informar (b). Quando o homem deixa sua marca ele deixa sua presença, registrando algo feito por ele ou por onde esteve (a) e essa marca contém a intenção de expressar um sentimento ou comunicar algo (b). “A comunicação humana é um processo artificial. Baseia-se em artifícios, descobertas, ferramentas e instrumentos, a

saber, em símbolos organizados em códigos. Os homens comunicam-se uns com os outros de uma maneira não “natural”: na fala não são produzidos sons naturais, como, por exemplo, no canto dos pássaros, e a escrita não é um gesto natural como a dança das abelhas. Por isso a teoria da comunicação não é uma ciência natural, mas pertence àquelas disciplinas relacionadas com os aspectos não naturais do homem, que já foram conhecidas como “ciências do espírito” (*Geisteswissenschaften*). A denominação americana “*humanities*” expressa melhor a condição dessas disciplinas. Ela indica na verdade que o homem é um animal não natural.” (FLUSSER, p.89)

Ainda segundo o autor, na análise do relacionamento humano os aspectos naturais do homem ficam restritos às “formas da comunicação mais originais e fundamentais. Mas elas não caracterizam a comunicação humana, e são amplamente influenciadas pelos artificios, são ‘influenciadas pela cultura’.” (idem, p.90).

Desenhos rupestres de 10 mil anos comprovam que, no Brasil, em Carnaúba das Antas, região do árido Seridó, no Rio Grande do Norte (Figura 1), os homens já esperavam deixar seu legado através de pinturas, comunicando um evento ou expressando um sentimento, numa época em que os agrupamentos humanos aumentavam e começava a vida em sociedade. São sinais de que o conceito de comunicação baseada em perpetuar (a) e informar (b) estão presentes desde antes da existência da escrita¹.

Fazendo uma primeira análise, podemos dizer que desde as cavernas já existia uma “alfabetização visual” e o homem já se comunicava através de códigos visuais. Há muitas conjecturas e poucas informações precisas sobre esses desenhos, mas mesmo que nem todos os indivíduos pudessem produzir tais imagens, e mesmo que elas tivessem um caráter mágico², não seria errôneo dizer que elas eram compreendidas por todos e que, portanto, havia comunicação visual.

¹ Os primeiros registros do que se pode considerar formas de escrita são as plaquetas de barro do templo da cidade de Uruk, que datam de 6.000 anos. O alfabeto latino só vai aparecer em 700 a.C. (HORCADES, 2004)

² Para Ernst Gombrich, as pinturas rupestres encontradas em Lascaux, França, já eram um indício da crença no poder das imagens. “Parece que esses caçadores primitivos imaginavam que, se fizessem uma imagem da sua presa – e até a espicaçassem com suas lanças e machados de pedra -, os animais verdadeiro também sucumbiriam a seu poder”. (GOMBRICH, 1999, p.42)



Figura 1: Pintura rupestre da região do Seridó, RN. Foto de João Correia Filho

2. “COMO O HOMEM DECIDE PRODUZIR INFORMAÇÕES E COMO ELAS DEVEM SER PRESERVADAS”?

Essa foi a pergunta formulada por Vilém Flusser no seu livro “O Mundo Codificado”, no capítulo “O que é Comunicação?”, quando abarcava “a aquisição e o armazenamento de informações”, entendendo que a produção de informação se dá quando “os homens trocam diferentes informações disponíveis na esperança de sintetizar uma nova informação” e que essa informação se preserva sendo compartilhada.

A partir de sua resposta esquematizada, reproduzimos (Figura 2) através de uma representação gráfica as formas de comunicação que respondem à questão.



Figura 2

Na visão de Flusser, com pontos essenciais de nossa sequência: “entenda que uma forma de comunicação pode existir sem a outra” e “a diferença entre as duas formas é uma questão de ‘distância’ da observação” (FLUSSER, p.97), mas fica claro que a maior diferença entre o “discurso” e o “diálogo” está na postura da audiência, ou seja, na comunicação dialógica, o fruidor é figura ativa no processo, diferente da passividade do fruidor na comunicação discursiva.

Num diálogo, a comunicação é baseada no pré-entendimento dos conceitos transmitidos, ou seja, o repertório do autor é passado através da obra indo de encontro à audiência, que participa de maneira ativa nesse processo e assimila ou não essa mensagem dependendo de um mesmo repertório. Não havendo referências para comparações, abrem-se lacunas de conhecimentos, que são logo preenchidas pela informação transmitida através da comunicação discursiva, preservando essa informação, compartilhando-a, independentemente da exatidão de conceitos.

Quando falamos de ‘postura da audiência’ e de sua ‘participação ativa’ nesse diálogo, fica clara a necessidade de se estar aberto a novas informações a fim de enriquecer o repertório de referências como forma de aumentar o domínio da linguagem.³

³ Desenvolver o uso da linguagem e despertar da consciência visual foram temas de uma reportagem de Patrícia Patrício, na revista Continuum, onde indica que a construção do olhar se dá através da expansão do repertório próprio e pessoal.

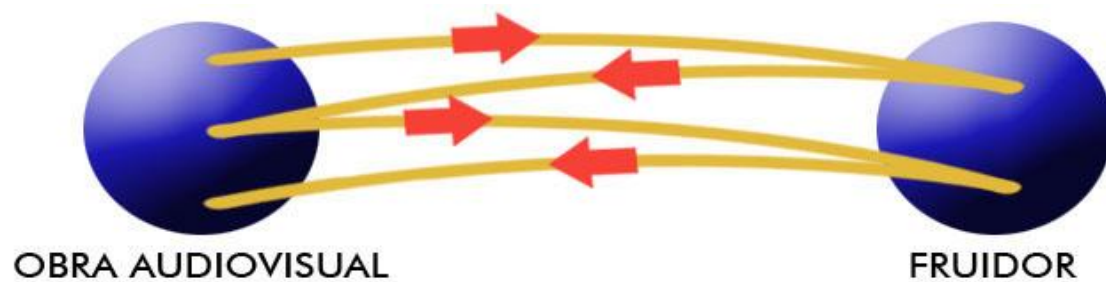


Figura 3 - Síntese visual do “Esquema Flusser” incluindo a obra audiovisual e fruitor/audiência nessa leitura.

A figura acima é uma interpretação do esquema de Flusser, inserindo a obra audiovisual numa ponta de cada processo de comunicação e o fruitor na outra, o que inscreve a linguagem audiovisual como objeto de Comunicação (Figura 3), e permite uma primeira conclusão: a obra audiovisual pode ser um produto de comunicação dialógica.

Se a obra audiovisual é comunicação e esta uma necessidade do homem, cabe aqui a reflexão de como cada indivíduo, ou melhor, cada cidadão, pode exercer seu papel de **fruitor** e não ser apenas o **expectador**. O caminho de transformação do **expectador** em **fruitor** passa necessariamente pela educação para a mídia, ou melhor, o indivíduo que assiste a uma obra audiovisual deve deter pelo menos os conhecimentos básicos de como e porque tal obra é concebida para exercer sua participação no processo comunicativo.

3. ARTE = ars, artis

Se procurarmos na raiz de sua origem latina, a palavra Arte tem seu significado relacionado com o intelectual (criatividade/percepção) e o prático (realização), pois “significa saber, ofício, profissão, habilidade, dom e talento. Ela aparece no verbo articular, que é o mesmo que juntar, reunir as partes. Assim, arte é qualquer trabalho que associe vários elementos, de forma nova e criativa, supondo a criação de sensações e de estados de espírito de caráter estético, carregados de vivência pessoal. O trabalho humano é arte porque cria algo novo.” (ALVAREZ e BARRACA, p.11)

A arte sempre teve sua relação com o trabalho, tendo como ponto de comum em sua história a criatividade humana. Para exemplificar melhor essa relação, Denise Alvarez e Renato Barraca citam a divisão do trabalho em Roma, que deixava clara essa congruência: **artes liberais**, englobavam as profissões exercidas por homens livres – músicos, poetas, médicos; **ofícios**, designavam trabalhos dos escravos; e **artesãos**, os escravos mais habilidosos e criativos.

Dessa forma, temos a Arte como representação através de formas sensoriais, com interpretações que vão depender de associações subjetivas e definições intuitivas; e a Linguagem audiovisual como representação verbal e conceitual, que é uma maneira organizada e difundida através de uma sistematização de elementos que visa representar algo e/ou transmitir algum conceito, logo arte e linguagem são processos representativos. Os códigos da linguagem audiovisual permitem a **denotação**, remetendo-nos à realidade, e a **conotação**, evocando a nossa percepção e interpretação.

As histórias da Escrita, da Pintura, da Fotografia, do Cinema, do Rádio e da Televisão estão relacionadas uma com a outra, adquirindo e transferindo características umas para as outras conforme a época de surgimento de cada invenção, de acordo com a tecnologia disponível naquele momento histórico.

Cada linguagem artística tem seu código próprio, portanto o mesmo vai ocorrer com a linguagem audiovisual: a obra terá características diferentes em cada meio de comunicação em que for produzida e veiculada. A obra audiovisual é desenvolvida de acordo com a técnica adequada ao meio: formato de imagem, cores, composição dos elementos que compõem a imagem e sua proporção devem seguir padrões determinados pelo veículo (televisão, internet, celular), ou receber adaptações na transposição de um meio para o outro.

A linguagem audiovisual é um sistema de signos em desenvolvimento que tem a sua função de comunicar facilitada por atingir vários níveis da linguagem, por ser ‘falada’ através do som (ÁUDIO) e ‘escrita’ através da representação visual (VÍDEO).

Uma mesma obra audiovisual pode ser arte quando o autor tem a intenção de se apropriar do meio e suas possibilidades para a sua criação, e objeto de comunicação, ao

transmitir uma determinada informação ao espectador, o que nos leva a concluir que existe uma convergência entre arte e comunicação na obra audiovisual.

4. QUAIS AS TENDÊNCIAS ATUAIS DOS MEIOS?

Após devidamente inserida como objeto de Arte e como elemento de linguagem de Comunicação, a obra audiovisual requer uma síntese para se apresentar diante desse momento histórico em que as Novas Tecnologias estão presentes, para desenhar o caminho futuro a ser seguido e indicar suas tendências. A figura a seguir (figura 4) representa essa reflexão sobre a produção da obra audiovisual como fruto de um ato criativo que visa transmitir uma informação através de um meio qualquer.



Figura 4 – Síntese visual do processo de realização da Obra Audiovisual.

Na **Entrada** do processo encontram-se as diversas possibilidades de mídias disponíveis como portadores das informações visuais e sonoras, tanto digital quanto convencional, provenientes dos diferentes meios.

Os **Processos e Procedimentos** representam desde a idéia do projeto, que é a parte criativa e intelectual do trabalho, passando pelas ferramentas de produção, até a conclusão do processo produtivo; ou seja, é o sistema de trabalho na sua totalidade, do começo ao fim das etapas de desenvolvimento da obra audiovisual.

A **Saída** do processo de produção audiovisual vai determinar os procedimentos utilizados para o desenvolvimento da obra audiovisual, nela serão determinadas características próprias de cada meio.



Figura 5 – Algumas das mídias possíveis para produção audiovisual.

Tanto na **Entrada** de informações disponíveis (importação/alimentação), quanto na **Saída** da informação processada (exportação), as mídias podem variar de formatos ou linguagens, convencional ou digital, áudio e/ou vídeo, estático ou com movimento (Figura 5).

Diante de tantas possibilidades, o processo de produção de uma obra audiovisual se expande, indo da ponta além dos procedimentos técnicos para reunir as informações da **Entrada** até a outra ponta da **Saída**, que determinará configurações da obra que influenciam todo o processo. Tomando como exemplo a produção de um vídeo a ser veiculado em aparelhos de telefonia celular: é necessário levar em conta seu formato e definição de imagem. Do ponto de vista técnico, uma imagem gerada para veiculação em TV, por exemplo, poderá sofrer distorções e não ser percebida da mesma forma na tela de um telefone celular.

“Convergir não significa identificar-se. Significa, isto sim, tomar rumos que, não obstante as diferenças, dirijam-se para a ocupação de territórios comuns, nos quais as diferenças se roçam sem perder seus contornos próprios” (SANTAELLA, p.7), afirma

Santaella aprofundando a discussão sobre a linguagem dos meios e a convergência das comunicações e as artes, permitindo estabelecer um paralelo nas questões teórica e prática, pois se pela linguagem é possível identificar características próprias de cada meios de comunicação e artístico, também é possível através de características técnicas identificar para qual meio a obra audiovisual é destinada.

Então, para o início de todo o ciclo produtivo, faz-se necessário saber em qual meio a obra audiovisual será inserida, onde essa obra será exibida e como ela será veiculada, para definir a configuração dos critérios de processos e procedimentos e determinar suas característica, o que nos faz concluir que O FIM É O COMEÇO DE TUDO.

REFERENCIAL TEÓRICO

ALVAREZ, Denise e BARRACA, Renato. **Introdução a Comunicação e Artes**. Rio de Janeiro: Ed. Senac Nacional, 1997.

FLUSSER, Vilém. **O mundo codificado – Por uma filosofia do Design e da Comunicação**. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

GOMBRICH, E.H. **A História da Arte**. 16. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1999.

HORCADES, Carlos M. **A evolução da escrita: história ilustrada**. Rio de Janeiro: Editora Senac Rio, 2004

PATRÍCIO, Patrícia. **A construção do Olhar – As múltiplas formas de uma única questão: a criação da consciência visual**. Continuum Itaú Cultural, São Paulo, n. 13, p.5-7, ago. 2008.

SANTAELLA, Lucia. **Por que as comunicações e as artes estão convergindo?** São Paulo: Paulus, 2005.